



CCB

TEMPORADA 20 - 21

ENTRE

OUTRAS MÚSICAS / 2020

# POP DELL'ARTE TRANSGRESSIVE DAYS

## 8 OUT

8 OUT / 21H / GRANDE AUDITÓRIO / M/6

# POP DELL'ARTE TRANSGRESSIVE DAYS

Voz João Peste

Guitarra Paulo Monteiro

Baixo Zé Pedro Moura

Bateria Ricardo Martins

FOTOGRAFIAS © CÉU GUARDA

## A CRIATIVIDADE, A TRANSGRESSÃO E A COR CONVERSA ENTRE JOÃO PESTE E RUI CATALÃO EM FEVEREIRO DE 2020.

*Transgressio Global*, que se estreia em concerto no CCB, é o primeiro álbum em dez anos dos Pop Dell'Arte. É uma excursão através dos tempos pelo espírito transgressivo que insuflou a cultura europeia. *In Different Times (At The Same Time)* sintetiza o espírito dos restantes 21 temas e faz uma panorâmica romântica e satírica sobre a eternidade, envolvendo Gilgamesh, Timóteo, Vénus, Marte, Zeus, Khrishna – todos a escutarem Sonic Youth na rádio! O disco inicia-se com *Em Creta*, numa variação do poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, e termina com uma lânguida prova de vinhos na colina romana de Aventino. Pelo meio há versões musicadas de um poema romano (cantado em latim), outro de tradição anacreônica (cantado em grego) e *Cá nesta Babilónia*, de Camões, assim como uma cantiga de intervenção do activista chileno Víctor Jara, *El Derecho De Vivir En Paz*. *Freaky Dance* evoca os anos 1970 do *glam* e do *punk*, enquanto *Psycho-Urban-Jungle Rock* é o regresso aos anos do *trip-hop*. *Style Is The Answer (To Almost Everything)* enumera nomes de estilistas e modelos e mais parece uma paródia ao som dos anos 1980, tal como era praticado pelos Felt ou pelas bandas da editora 4AD. Há colagens com a música de Arvo Pärt e as palavras de Foucault; encontros surrealistas de dança, ora com o deus Apolo, ora com o Minotauro num encontro futurista com Picasso; há também um tema sobre «arquitectura panóptica para ruas vazias numa cidade silenciosa», assim como canções com «hermafroditas» e amantes pós-românticos. A maior paródia de todas é *The King of Europe*. Em atmosfera barroca de concerto das nações, os tecnocratas europeus são investidos da pompa de Luís XIV para decretarem: «L'Europe c'est moi!» Tantas referências a figuras e personagens da cultura ocidental não fazem esquecer o prazer dos Pop Dell'Arte em continuarem a fazer música *pop*. Para dançar.

### COMO É QUE VÊS OS MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS NUM CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO?

Nós não temos uma identidade, temos várias, e por identidade entendo um processo, nunca está acabado, está sempre em construção. É compreensível que com a globalização e a uniformização da cultura haja uma reacção identitária, mas pertencemos a um todo que está em contacto. A globalização não tem é de acontecer nos moldes em

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA  
A TEMPORADA 2020/2021



APOIOS



**BILHETEIRA ONLINE CCB.PT**

CCB / TICKETLINE / INFORMAÇÕES / RESERVAS LINHA 1820



que tem sido. Identifiquei-me com algumas causas do movimento antiglobalização, mas é um absurdo ser antiglobalização. Há uma expressão mais saudável, que é a alter-globalização.

### **QUANDO É QUE SENTISTE QUE ESTE DISCO ESTAVA A DEFINIR-SE À VOLTA DA TRANSGRESSÃO?**

A capacidade de ultrapassar os limites é um dos motores da história, pelo menos nas artes. Um artista sozinho pode ultrapassar os limites da sua época e abrir a porta às gerações seguintes. A arte transgressiva tornou-se hegemónica no século XX e há quem ache que isso deixou de fazer sentido. Eu acho que faz. Um texto que me influenciou muito foi o *Préface à la transgression*, que Michel Foucault dedicou a Bataille depois da morte dele. Houve uma intenção quase ideológica de expôr a ideia de transgressão, de não deixar que se perca. A ideia foi-se reforçando. As coisas foram surgindo e fazendo mais sentido. O processo criativo é muito inesperado, é quase um *puzzle* que vais preenchendo. Depois juntaram-se outras ideias, como a de cantar um poema de Catulo, que à sua maneira foi transgressivo no século I a. C. Ele rompeu com a tradição literária romana. Fazia poemas curtos, do quotidiano. Pareceu-nos interessante cantar canções como se tivessem sido feitas noutra época. Há também um tema chamado *Freaky Dance*, que é sobre o imaginário do *rock*, e refere o Johnny Rotten, o Jim Morrison, a Patti Smith, o Marc Bolan, e ainda outro tema que tem que ver com a Europa actual, que é o *The King of Europe*. Há três miniaturas que são colagens: *3 Things About Arvo Pärt You Must Remember*; *3 Things About Michel Foucault You Must Love*; e *3 Things About Orpheus You Must Understand*.

### **TRÊS COISAS QUE AINDA ADORAS NOS POP DELL'ARTE?**

A criatividade, a transgressão e a cor.

### **TRÊS COISAS QUE AINDA TE FAZEM IR A PÚBLICO?**

Lembro-me sempre daquela frase de Maiakovski, sobre dar uma bofetada no gosto do público. Ser transgressivo é ultrapassar o que condiciona o gosto comum, mas eu não vejo a transgressão como provocação. É querer ir mais longe, é ultrapassar os limites. O disco começou a ser feito naquela fase da intervenção da *troika*, que me provocou um certo abanão. O desrespeito para com a Grécia foi chocante. Pareciam os novos bárbaros vindos lá do Norte da Europa. Christian Laval tem-se dedicado a estudar o capitalismo actual e chama ao neoliberalismo uma nova racionalidade. Um dos problemas do mundo actual não é só o capitalismo em si, mas essa racionalidade do

neoliberalismo, em que és uma empresa e deves comportar-te como uma empresa. Independentemente do serviço ou das necessidades que preenchem, as empresas devem sempre maximizar o lucro. Os próprios filhos devem ser educados de forma lucrativa. Tudo isso está a impregnar as sociedades ocidentais. O neoliberalismo está a mudar o trabalhador. A *uberização* do trabalho está a formar uma massa acrítica, que se comporta como se estivéssemos a viver numa distopia. Nas últimas décadas não apareceu nenhum movimento jovem. Não surgiu nenhuma corrente musical nova. Há coisas boas, mas não se deu à luz nada de novo. O *hip-hop* tornou-se a música do sistema. Até seria normal que assim acontecesse, mas teria de surgir outra coisa ao lado.

### **ONDE É QUE ESPERAS VER A TRANSGRESSÃO A OCORRER?**

Em lado nenhum e isso é angustiante. Daí ter agarrado no tema para tentar dizer qualquer coisa. Mesmo sabendo que chego a pouca gente, sei que devo tentar fazê-lo, nem que seja para meia dúzia de pessoas. Foi o que fiz aquando do *Divergências*, em que entrevistei o Pacote de Oliveira sobre as ditaduras culturais, ou no *Juramento Sem Bandeira*, do *Free Pop*.

### **QUAL FOI O ÚLTIMO ACTO TRANSGRESSIVO DE QUE FOSTE TESTEMUNHA?**

Aqui há umas semanas estava a ver o telejornal e vi a Nancy Pelosi atrás do Trump a rasgar o discurso dele e achei delicioso. Fazem falta coisas dessas. O Daniel Oliveira criticou-a por estar a abandalhar as instituições. Eu discordo. Porque não, abanar as instituições?

### **ESTE DISCO APARECE DEZ ANOS DEPOIS DE CONTRA MUNDUM. COMO É QUE FOI A ÚLTIMA DÉCADA PARA OS POP DELL'ARTE?**

Inicialmente andámos a tocar o *Contra Mundum*. Os primeiros temas começaram a ser trabalhados por mim e pelo Paulo Monteiro há cinco anos. Depois, começámos a apresentá-los ao resto do grupo e nos ensaios foram surgindo mais temas. Algumas coisas ainda foram feitas pelo Nuno Castedo e outras já com o novo baterista, o Ricardo Martins. O tema mais antigo é o *Anominous*, que já tocámos da última vez que estivemos no CCB. Tinha sido feito nos anos da *troika*, daí ter aquela letra meio panfletária. Quis fazer uma canção de intervenção para o século XXI. Na altura, foi feito à pressa e ficámos sempre com o desejo de regravá-lo. O último tema já foi feito em estúdio. Chama-se *Minotaur meets Picasso in Lisbon in 2084*. Com este disco, pretendemos amalgamar os diferentes tempos num só.

### **Rui Catalão**

O autor escreve segundo a antiga ortografia.

## BREVE HISTÓRIA DOS POP DELL'ARTE

Os Pop Dell'Arte formaram-se no início de 1985, no bairro lisboeta de Campo de Ourique, em torno de João Peste, seu fundador e mentor, com uma formação que incluía também Zé Pedro Moura, Paulo Salgado, Ondina Pires, Sapo e Luís Saraiva. Concorreram então ao 2.º Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous, tendo ganho o prémio de originalidade dessa edição. Perante o aplauso quase unânime da crítica, deram concertos por todo o país e entraram para estúdio no final de 1986, para gravar o seu primeiro disco, o máxi-single *Querelle*, editado pela Ama Romanta, editora independente criada pelo próprio Peste. Com o mesmo selo e uma formação que incluía para além de Peste e Zé Pedro, Luís San-Payo, Sapo e Rafael Toral, lançaram o álbum *Free Pop*, em dezembro de 1987, antecedido pelo single *Sonhos Pop*, apresentados no concerto de consagração da banda, na Aula Magna, em Lisboa, no início de 1988. A polémica instalou-se com críticas nos antípodas, sendo considerados geniais por uns e fraude por outros. Já em 1989, um concerto histórico no Rock Rendez-Vous, durante o terceiro aniversário da editora Ama Romanta, com os alemães Sprung Aus Den Wolken, assinalou a edição do EP *Acid – Illogik Plastik*.

Depois de um interregno de dois anos, em que Peste criou o projeto João Peste & o Acidoxibordel, os Pop Dell'Arte regressaram em fevereiro de 1991, com a edição da compilação *Arriba! Avanti!* e a reedição de *Free Pop*, ambos em CD, e um concerto único no Cinema Alvalade, em Lisboa.

Depois do mini-álbum *Ready-Made*, em 1993, editaram o seu terceiro álbum de originais, *Sex Symbol*, no verão de 1995, com uma nova formação que incluía para além de Peste e Luís San-Payo, os músicos Paulo Monteiro, Pedro Alvim e JP Simões.

Não obstante algumas paragens, concertos em Lisboa, Porto, Londres e Barcelona, entre outras cidades, e as edições do EP *So Goodnight*, da compilação *POPlastik* e dos máxi *Querelle by The Glimmers* (uma remistura de *Querelle* pelo duo de DJ The Glimmers) e *No Way Back*, este último apenas nos Estados Unidos, os Pop Dell'Arte deram

continuidade à sua aventura musical, lançando o seu quarto álbum de originais, *Contra Mundum*, no verão de 2010.

Com uma formação que integra de momento para além de João Peste, Zé Pedro Moura, Paulo Monteiro e Ricardo Martins, os Pop Dell'Arte lançaram no início deste ano o seu novo trabalho de longa duração, *Transgressio Global*, que contém 20 temas originais e uma versão singular de *El Derecho de Vivir En Paz*, um clássico de Víctor Jara, dos anos 1970.

Um disco que, segundo a banda, é definido como «uma viagem, sob a égide da transgressão, que une ideias, tempos e locais dispersos: da Grécia e Roma antigas às sociedades panópticas de controlo do mundo contemporâneo, passando pela Europa do Renascimento e até Lisboa, em 2084». O novo trabalho é apresentado no CCB, no espectáculo *Transgressive Days*.



# A SEGUIR 30 OUT

21h / Pequeno Auditório

## STEREOSSAURO

Stereossauro, que juntamente com DJ Ride forma a dupla Beatbombers, apresenta o seu mais recente álbum, onde junta a tradição e a modernidade, num cruzamento entre o fado, guitarra portuguesa e a eletrónica com vários convidados do *pop* ao *hip hop*, do fado ao *rock*.

Lembramos as medidas preventivas habituais  
nos espaços de espetáculos CCB



Proibido gravar  
imagem ou som



Desligue  
o telemóvel



Proibido  
fumar



Proibido  
comer ou beber



Obrigatório  
usar máscara



Siga as instruções  
de circulação



Cumpra o distanciamento  
social de segurança